VEÍCULO Agência Estado - SP | DATA 13/03/2008 | EDITORIA Economia | PÁGINA Online

AJUSTE FISCAL PODERIA EVITAR VALORIZAÇÃO DO REAL, DIZ PENHA CYSNE

O ajuste fiscal pode ser uma forma eficiente de evitar a valorização da moeda. Isso já foi feito nos Estados Unidos em 1985, enfatizou o professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Rubens Penha Cysne no lançamento hoje do livro "Ajustes fiscais - experiências recentes de países selecionados", que coordenou junto com Rogério Sobreira, também da FGV. "Com ajuste fiscal, os juros não precisam ser tão altos, então a moeda não se valoriza tanto porque os juros mais baixos não atraem tantos investimentos estrangeiros em títulos daquela moeda", disse Cysne. Ele enfatizou que o modelo é válido para países com câmbio flutuante e mobilidade de capital. É o caso do Brasil, onde o governo está tentando enfrentar o problema de valorização do real de outras formas.

Para Cysne, o exemplo mostra que o orçamento pode e deve ser usado como instrumento de gestão. Ele defendeu que o Brasil, em algum momento, deveria passar por uma reforma orçamentária, que aumente a parcela de recursos não vinculados a despesas específicas. "Os Estados Unidos e os países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com poucas exceções como a Itália, tem entre 30% e 35% de despesas discricionárias (não vinculadas) em seus orçamentos, o Brasil só tem entre 3% e 5%", afirmou Cysne.

Os Estados Unidos não fazem parte do livro, que enfoca as experiências de ajuste fiscal na Itália, na Rússia, no México, na Nova Zelândia, na Índia, na Turquia e na Irlanda. No entanto, a publicação é parte de um trabalho maior e que abrange mais países.

Para os autores, o Brasil tem muito a aprender com as experiências de ajuste fiscal de outros países. Uma lição que vem da reforma da Irlanda em 1987 e 1988 é de que é possível fazer uma reforma orçamentária e reduzir as despesas primárias do governo sem dar nenhum calote. A chave para isso é não deixar que os reajustes reais acompanhem o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). "E estamos crescendo 5,4% ao ano", disse Cysne, referindo-se à expansão do PIB no ano passado.

Outra lição da Irlanda é que "o ajuste fiscal pode ser expansionista", ressaltou Sobreira. Depois do ajuste, aquele país passou a ter altas taxas de crescimento, que nos últimos anos ficaram entre 5% e 6%. "O ajuste tem que ser permanente e com isso a economia tem condições para crescer", disse Sobreira.

Da Itália, de acordo com eles, vem a lição de que para fazer um ajuste é melhor que seja um só profundo do que vários "superficiais, que não adiantam". Cysne também destacou a idéia da Itália de permitir a liberação de recursos vinculados para outros usos, caso determinadas metas sejam atingidas. Cysne deu o exemplo teórico de R$ 20 que seriam destinados obrigatoriamente para expandir as matrículas em um nível de ensino para um determinado número de alunos. "Caso essa

meta fosse atingida com R$ 16, o governo poderia usar os outros R$ 4 no que achasse mais conveniente", explicou.

Cysne também destacou que a Índia mostra que é possível fazer ajuste fiscal e aumentar o crescimento da economia em um país com grandes problemas sociais. Também são autores do livro os economistas Estevão Kopschitz, Gabriel Fiúza de Bragança e José Ronaldo de Souza Júnior. (Adriana Chiarini)

Link Original: -

+ Comentários (0)
| Valor Comercial: R$ 0,00 (aproximado) | Cm/Col: 0 | Citação na Página: 1 | no Parágrafo: 1 |Incluída em: 14/03/2008 07:02:00 |

Imprimir PDF (formato A4) Enviar (Formulário) Enviar (por e-mail) Comente Fecha